

Machado de Assis e o legado da crítica: ao escritor as palavras

Márcia Costa¹

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a fortuna crítica sobre Machado de Assis e perceber como através de escritores renomados e conhecedores de sua obra, conseguimos conhecer mais sobre este cânone brasileiro. Serão utilizados como suporte Silviano Santiago (2000), Barreto Filho (1947), José Veríssimo (1993), Alfredo Bosi (1982) dentre outros teóricos, enfocando nossas reflexões para as relações entre a o ato de escrever e o talento nato da escrita.

Palavras-chave: Machado de Assis, literatura brasileira, fortuna crítica.

MACHADO DE ASSIS AND THE LEGACY O CRITICISM; TO THE WRITER THE WORDS

Abstract

The present work aims to analyze the critical fortune about Machado de Assis and understand how through renowned writers and connoisseurs of his work, we get to know more about this Brazilian canon. We will use as support Silviano Santiago (2000), Barreto Filho (1947), José Veríssimo (1993), Alfredo Bosi (1982) among other theorists, focusing our reflections on the relations between the act of writing and the born talent of writing.

Keywords: Machado de Assis, Brazilian literature, critical fortune.

1 Mestre em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura (UNICENTRO). E-mail: marcia4ever@hotmail.com

2 Professora associada da Unicentro, doutorado em Letras (UNESP), com pós-doutorado em Ciência da Literatura.

Bons Dias³...

“A verossimilhança é, muita vez, toda a verdade”

Dom Casmurro, Capítulo X

O cheiro do livro antigo na estante. A poeira que gruda nas mãos, o papel amarelado... quando pensamos nos livros clássicos, desenhamos essa imagem da antiga estante na sala, com aqueles “coleccionáveis” de capa de couro avermelhada que nossos pais guardavam com carinho. Porém, como afirma Calvino (1993): “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Talvez por isso, Machado de Assis, mesmo depois de décadas, permaneça conversando com diversas gerações. O clássico dos clássicos, a maior referência da literatura brasileira continua vivo.

É admirável observar quantas releituras foram feitas de suas obras. Seja em minissérie, seja em quadrinhos, em e-book, não importa como se tem acesso a Machado, mas sim, por quanto tempo ele permanece em nossas lembranças, fazendo-nos pensar, lembrar, reescrever e tentar desvendar seus mistérios.

A fortuna crítica machadiana é extensa, são diversas opiniões sobre um escritor que soube com o ninguém, analisar a alma humana. Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras, onde permaneceu por mais de dez anos na presidência que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

De família simples, foi criado no morro do Livramento e estudou como pôde, e aos 15 anos já publicava seu primeiro trabalho literário: o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, no *Periódico dos Pobres*, número datado de 3 de outubro de 1854. O

³ Utilizaremos nomes de obras significativas de Machado de Assis para abertura das sessões.

primeiro romance de Machado, *Ressurreição*, saiu em 1872. E em 1881 saiu o livro que daria uma nova direção à sua carreira literária - *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que ele publicara em folhetins na *Revista Brasileira* de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Revelou-se também extraordinário contista em *Papéis avulsos* (1882) e nas várias coletâneas de contos que se seguiram.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875), e o parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a lua* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/d).

A Chave e o Destinado

É inegável que Machado de Assis foi um escritor realista que gostava de retratar a vida sem deixar de observar a política, a história e a sociedade de sua época. Exemplo disso, segundo John Gledson (1986), são os romances *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* escritos praticamente na mesma época e terminados em 1871, momento em que aconteciam eventos históricos como a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre, a fundação do partido republicano, muitos dos temas abordados na escrita machadiana.

Diversos críticos insistem em dividir a obra de Machado de Assis em duas fases distintas, para muitos, os quatro primeiros livros se referem a uma fase romântica, e logo após *Iaiá Garcia*, lançado em 1878, ele teria entrado em uma fase realista. Se considerarmos que as obras estão em constante

evolução, não podemos dividi-las, até porque elas carregam muitas fases históricas e, ainda assim, continua atual, nesse caso, teríamos de caracterizá-las, também, como parte do modernismo, dividindo-a novamente. Silviano Santiago (2000, p. 27) debate sobre isso:

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam, sob formas de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas.

Para o autor, a crítica impressionista precisa urgentemente rever seus conceitos quanto a monotonia sugerida na obra machadiana e resalta que a qualidade mais essencial de Machado talvez seja exatamente isso: “a busca, lenta e medida do esforço criador em favor de uma profundidade que não é criada pelo talento inato, mas pelo exercício consciente e duplo, da imaginação e dos meios de expressão de que dispõe todo e qualquer romancista”. (2000, p.28). E enfatiza que essa divisão, que por muito tempo a crítica insistiu em fazer na obra machadiana, felizmente, tem sido refutada.

Publicado em 1949, o livro de Barreto Filho, parece fazer um traçado do que seria o futuro sobre Machado de Assis: “Apesar de tudo a obra persistiu, sobreviveu, veio a ser explicada e analisada pelos contemporâneos”. (BARRETO FILHO, 1947, p.7). Interessante pensar que passados 70 anos, muito se tem pesquisado e discutido sobre esse cânone literário, como assevera o autor: “Machado se transformou no acontecimento central da vida literária brasileira, expressão isolada e sem par de alguma coisa de muito essencial à nossa natureza”. Após profunda análise sobre a vida e obra machadiana, o autor reforça: “Machado possui realmente essa aptidão para ver o irremediável das coisas e a fragilidade de tudo, e conservar apesar

disso a lucidez e a capacidade plástica, de que surge a arte clássica, com o seu ideal de perfeição”. (BARRETO FILHO, 1947, p.127)

O seu trabalho de escritor continua a ser a única forma de consolação para o espírito, de que dispõe. Ele foi o mais completo e talvez o primeiro verdadeiro homem de letras no Brasil, porque a atividade literária fazia parte de suas necessidades cotidianas: era o seu cordial, a misteriosa conciliação na sua própria natureza [...] Aí se dá uma intimidade absoluta e inefável com o nosso ser, parece que o sentimos pousado na existência. Realiza-se a perfeita adequação do nosso substrato com o impulso de comunicação. E o homem encontra aí um núcleo sólido e inabalável que resiste à erosão que destruiu as camadas psicológicas superficiais. (BARRETO FILHO, 1947, p.197).

Vários estudiosos concordam que a escrita machadiana é única, e que ele se expressava de maneira limpa e objetiva, mesmo quando usava metáforas, sabia conversar com seus leitores. Machado de Assis “soube aprimorar de modo gradual, convertendo o tirocínio sucessivo do texto publicado no seu aperfeiçoamento objetivo, com o testemunho de seus leitores, até alcançar a limpidez inexcusável da sua originalidade”. (JOSUÉ MONTELO 1997, p.20).

Um dos grandes críticos da obra de Machado, José Veríssimo (1963, p.304) já abre o capítulo que leva o nome do autor dizendo: “Chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura, José Maria Machado de Assis”. Nascido em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro, onde também faleceu em 29 de setembro de 1908. Foi o responsável pela última geração romântica de escritores. Segundo Veríssimo (1963), Machado atravessou vários momentos e correntes literárias, mas não aderiu nenhuma, sendo sempre isento, e ninguém foi na literatura brasileira tão invejado quanto ele. Assim foi escrevendo sua história, através de seus livros e sua única vaidade era sua arte. Não quis seu nome exaltado e nem utilizou de suas humildes condições para atribuir-lhe valor algum.

Para Veríssimo (1963), Machado era um engenheiro que ao descobrir o gosto pela literatura, educou-se a si mesmo para aplicar com sabedoria em seu trabalho. Cuidou-se desde cedo sozinho, trabalhou como sacristão da igreja da Lampadosa e também de balconista de uma pequena livraria e tipografia. Fez parte da redação do *Diário do Rio de Janeiro*, de 1862 junto com Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva e outros conhecidos jornalistas. Em 1863, foi impresso, este mesmo jornal, seu primeiro livro, um folheto: *Teatro de Machado de Assis*.

O autor destaca Machado como uma pessoa extraordinária, tanto por seu talento nas letras como por sua moral. Suas obras são repletas de espírito e composição. Fez teatro para aperfeiçoar seu conhecimento nas artes e acreditava que suas qualidades viriam com o tempo e o trabalho. Então, em 1864, com as *Crisálidas*, composta por vinte e dois poemas escritos entre 1858 e 1864, ele verdadeiramente começa sua carreira literária, que nunca mais seria descontinuada.

Dominava com perfeição os versos alexandrinos e os unia ao cuidado dos ritmos e rimas aliados ao escolhido da língua e da formação da frase. Suas obras são clássicas, não são de ocasião ou modismo que continuam tão vivas e novas quanto quando foram escritas.

José Veríssimo (1963) lembra que Machado de Assis, seja em verso ou em prosa, nunca fez nada de improvisado ou de forma apressada, sua obra é contínua e trabalhada e sempre aperfeiçoada. Não é à toa que passados tantos anos, ainda tenhamos palavras gravadas em folhas de papel que conseguem fazer com que nós leitores tenhamos os mais diversos sentimentos ao folhear um de seus livros, como se vivêssemos na mesma época do escritor.

Diferente de muitos autores que começam por suas melhores obras e vão se perdendo com o tempo, e sendo esquecidos, Machado teve uma carreira ascendente, tendo o cuidado de se

aprimorar a cada obra. Rodeado de grandes nomes amadores das boas letras, ele teve muita influência literária, seja nas rodas de conversas ou nas ricas bibliotecas de seus amigos, estudou com afinco a língua e sua intuição lhe dizia sobre a importância da literatura, fazendo dela a excelência incomparável dos clássicos brasileiros.

Poeta ou prosador, ele se não preocupa senão da alma humana. Entre os nossos escritores, todos mais ou menos atentos ao pitoresco, aos aspectos exteriores das coisas, todos principalmente descritivos ou emotivos, e muitos resumindo na descrição toda a sua arte, só por isso secundária, apenas ele vai além e mais fundo, procurando, sob as aparências de fácil contemplação e igualmente fácil relato, descobrir a mesma essência das coisas. É outra das suas distinções e talvez a mais relevante. (VERÍSSIMO, 1963, P.311).

O autor ressalta que o autor de *Dom Casmurro* é no domínio da ficção romanesca o maior dos nossos escritores. Não é apenas um escritor intuitivo e numeroso, ele sabe como ninguém juntar as qualidades de expressão com as de pensamento, em uma filosofia pessoal e virtudes literárias inigualáveis. Sejam em histórias de amor ou em peculiares idiosincrasias, tudo é muito superior e excelentemente representado, e sem vestígio de esforço, é natural de Machado esse “estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegância”. (VERÍSSIMO, 1963, p.312).

Em 1881, Machado de Assis atingia ao apogeu literário, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com um romance original, uma obra que trazia seu tom humorístico e era fortemente travada em todas as suas partes. *Memórias*, segundo Veríssimo, “são a epopeia da irremediável tolice humana, a sátira da incurável ilusão, feita por um defunto completamente desenganado de tudo”. Com esse livro, Machado “rompe” com o Romantismo, ainda que sua obra sempre fosse carregada de pessimismo e ironia que eram típicos do autor.

Com temas variados, enredos e ações criativos, episódios que distinguem cada um de

seus romances, Machado carrega em todos uma unidade de inspiração, de pensamento e expressão, segundo Veríssimo, e todos representam sem excessos a tolice e a malícia humana, carregados de imaginação humorística, ou seja, a visão pessimista das coisas através da inteligência.

Como crítico, Machado foi impressionista, que além da cultura e do bom gosto literário tinha dons psicológicos e excelente percepção estética. De forma justa e acertada, embora com benevolência, para Veríssimo (1963), apontou com segurança os pontos duvidosos de alguns conceitos literários que eram vigentes. Respeitava o trabalho alheio, e assim como contribuiu como crítico, passando seus conhecimentos aos demais, deixou uma obra de criação que ficará como a mais perfeita evolução da nossa literatura.

Para Alfredo Bosi et al, o mundo está muito diferente do deixado por Machado de Assis em 1908, porém, sua contribuição intelectual é totalmente relevante para as mudanças, já que se articula com ela. “É o signo dessa mudança em dimensão estética e a forma de uma intervenção na linguagem que constitui um marco na produção do país” (1982, p.12). Aqui temos a dimensão da herança deixada por Machado de Assis aos brasileiros, como se o escritor pudesse adivinhar o futuro, todas as suas anotações foram se atualizando com o desenvolvimento do país. Tornando-se parte da história, e transmitindo de geração para geração a sensibilidade e a qualidade da escrita literária brasileira. Bosi destaca ainda que o desenvolvimento do trabalho de Machado de Assis, como intelectual, estará sempre relacionado com sua preocupação do papel da integração que as artes poderiam e deveriam ter no país.

O autor afirma que Carolina, esposa de Machado, teria tido grande influência em leituras de autores ingleses e clássicos portugueses e que até corrigiria seus textos, porém, muitos escritos confirmam que mesmo antes de Carolina, Machado

já tinha contato com tais escritores. Bosi et al (1982) cita a crítica literária Lucia Miguel Pereira⁴ para enfatizar que a coerência entre texto e homem andavam juntas, a experiência do homem Machado de Assis, está presente não só no texto, mas também em suas ideologias, podendo a experiência particular do autor estar contida em sua obra, principalmente ao que se refere as relações sociais e condições gerais da sociedade.

É interessante notar a sutileza de reserva que levou Machado de Assis a se encarnar de preferência pelos tipos femininos, quando queria explicar fatos da sua vida. O Brás Cubas e o Conselheiro Aires, nos quais pôs tanto de si, representam tendências do seu espírito, mas nada têm de comum com sua existência. (LUCIA MIGUEL PEREIRA apud BOSI et al, 1982, p.32)

Foi Lucia Miguel Pereira, ressalta Bosi et al (1982, p. 35), quem primeiro esclareceu as características que diferem Machado: “Mesmo dentro de enredos romanescos, de situações comovedoras, as suas personagens se portam com tanta reserva que parecem postigos os ardores a que a ação as obriga, lhes conferindo uma fisionomia contrafeita”.

A dinâmica complexa da narrativa machadiana pôs em cena uma pluralidade de vozes discordantes, sem que não houvesse uma hierarquia, dando a todas as personagens o mesmo valor. O próprio narrador é contestado muitas vezes por seus leitores. A verdade é sempre instável, e depende de ponto de vista, afirma Bosi et al (1982, P. 41) e assevera que o texto do autor também operou a ruptura de gêneros literários, assumindo uma invenção da forma artística dos intelectuais. “Promoveu a relativização dos valores, das artísticas e sociais, conseqüentemente qualquer relativização de hierarquia, exercício do poder enquanto determinação do processo histórico

⁴ Lucia Miguel Pereira ficou consagrada no mundo das letras principalmente pela biografia que escreveu sobre Machado de Assis, por quem tinha enorme admiração, e por sua obra de caráter histórico-crítico *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*.

concreto”. Essa renovação na escrita acompanhou a mobilidade da sociedade, projetando as tendências do social. O poder passou a ser o propulsor dos textos machadianos onde o narrador operava com um escárnio generalizado, fazendo com que parecesse que ele não tinha identificação com nada, porém, ele captava e criava formas artísticas que o incorporam e lhe dão representação tanto nacional, quanto internacional.

Com o reconhecimento de que a sociedade concreta é fragmentada e dividida, e hierarquizada segundo uma escala de valores que se sustentam no poder que também sustenta a divisão, Machado de Assis põe em cena a multiplicidade das vozes, das determinações, dos interesses, portanto, dos pontos de vista. Nenhum prevalecerá sobre outros como valor abstrato, como verdade supra-histórica. O predomínio momentâneo de algum se deve a relação com o poder, com as formas de dominação (dinheiro, prestígio, função social, etc.). (BOSI et al, 1982, p.44).

Bosi et al (1982) destaca que a experimentação formal é a principal característica do texto machadiano, o que faz ser um dos textos de maior qualidade da literatura. Essa experimentação também sustenta o modo peculiar da mobilidade e fluidez do social dos pontos de vista das personagens, dá mobilidade ao texto, é como se o tempo todo o texto se reinventasse, tornando-se sempre novo e se superando a todo instante, propondo reinterpretações. As relações que são produzidas nos obrigam a novas doações de sentido. “O texto machadiano realiza-se como totalidade, de modo que os livros, romances, contos, crônicas, poemas, críticas, etc. estão articulados como conjunto e não podem ser lidos isoladamente senão como fragmentos de algo maior”. (BOSI et al, 1982, p.46).

A língua literária da obra machadiana experimentou ao máximo o material da tradição escrita e ao mesmo tempo incorporou o que havia de perene na prática viva das situações atuais de fala. Em Machado de Assis ocorre uma atualização-síntese do passado da língua e de sua situação histórica presente. Isso foi nele um trabalho consciente. (Bosi et al, 1982, p.56).

O autor destaca, também, o caráter de totalidade da concepção machadiana de linguagem com funções cognitiva e estética, e que além de patrimônio cultural a língua humaniza as relações humanas mediante o conhecimento. O prazer estético se dá através do humor e do riso e conflitam com os antagonismos que dividem os homens e as maneiras de domínio que os oprimem. Machado realizou uma obra que constitui uma unidade de intervenção na vida cultural brasileira e ocidental. O escritor está no centro da questão cultural do país porque seu texto soube incorporar o risco implícito na obra de arte, a aparência inofensiva, como que privado de poder e imune a seus efeitos. (BOSI et al, 1982, p.59).

Em mesa redonda apresentada neste mesmo volume de Bosi et al (1982), Roberto Schwarz afirma que o autor de *Quincas Borba* é absolutamente moderno, chegando a ser surpreendente, pois o Machado do Rio de Janeiro do século XIX é vanguarda e ressalta: “Machado convergiu com tudo que há de mais impressionante na literatura mundial, só que essa convergência resulta menos de um trabalho interno, sobre noções e formas, que de uma dose considerável de realismo”. (SCHWARZ apud BOSI et al, 1982, p.317).

Luiz Roncari assevera que não é uma coisa fácil amar Machado de Assis, seja pelo autor em si ou pelos personagens e narradores. Já que se trata de uma literatura sem heróis, porém a recompensa é o prazer imediato do texto. Quem procurar a identidade de Machado fora de sua singularidade, pode se confundir ao invés de se esclarecer. “Tem que se procurar a identidade de Machado pelos pontos mínimos... sua sensibilidade captou o tempo, o movimento, o que morria, o que nascia enquanto seu projeto buscava a duração e o permanente”. (RONCARI apud BOSI et al, 1982, p.324).

Só poderia ser um encontro em que a ética fecundasse a natureza, em que o amor desse sentido à força e à ambição, em que a cultura

cimentasse e reunisse a sociedade. Ele pensou a cultura num movimento da sociedade brasileira, no seu tempo e no seu âmbito do projeto literário. Foi o mais globalizante, o que melhor trouxe pra dentro da ficção a diversidade, e o menos escolar – não fez obra de tese. Observou, comentou e representou. (RONCARI apud BOSI et al, p.325).

Álvaro Lins (2016, p.5) registra: “Mais que um homem perfeito de letras – Machado de Assis representa hoje um assunto. Um exercício literário”, para o autor é isso que ajuda a explicar tantas tentativas de interpretações e descrições que vem sendo feitas em torno de sua obra. “Não é só Machado que seus biógrafos e ensaístas acabam revelando; é a si mesmo que um autor exprime quando está exprimindo Machado”. Lins (2016) coloca-o como o enigma literário brasileiro, o mito e compara com nomes de outros países que são esses mitos literários: na França, Montaigne, na Inglaterra, Shakespeare, na Alemanha Goethe e assim por diante, porém outros países tem mais de um mito, nós, do Brasil, apenas Machado de Assis, segundo o autor. Para Lins (2016) escrever sobre Machado é ter a liberdade de criar sua própria verdade, pois não há em suas obras, o certo ou o errado, negação ou afirmação e a arte machadiana está exatamente nessa sabedoria de se deixar completar, de se prolongar, pois Machado não dá respostas, apenas sugere, deixa o pensamento no ar. A frente de sua época e do regime paternalista do século XIX, Machado traz em sua obra uma imensa imaginação, a memória e o juízo crítico, através da historicidade simbólica que perpassa o tempo do relógio.

Alfredo Bosi (2000) destaca que o objetivo principal do autor é o comportamento humano, força que faz Machado inteligível em todas as línguas em culturas e tempos bem diferentes. Se ainda hoje conseguimos o ler, é porque ele nos mostrou valores e ideais que não se esgotam no tempo e espaço, largo e profundo é o “quase” Machadiano, ou seja, é quase tudo. “A originalidade de Machado

está em ver por dentro o que o naturalismo veria de fora. Os seus tipos são e não são parecidos com os dos seus contemporâneos”. (BOSI, 2000, p. 18)

Hélio de Seixas Guimarães (2007) descreve Machado de Assis como patriota, nacionalista discreto, um curioso pelo movimento da história, indiferente aos regimes e partidos já que para ele só interessavam as raízes históricas e sociais, não gostava da escravidão e a seu modo fez tudo para combatê-la, mesmo sabendo que não haveria uma lei que apagasse as marcas deixadas nos escravos.

Um escritor dotado de “um pensamento histórico”, com ideias próprias sobre a história brasileira, fascinado com a questão problemática da unidade de uma nação fraturada, e que a certa altura passa a enxergar o Brasil como um país incapaz de uma verdadeira organização, adotando uma postura política pessimista. Para ele, os homens não dividem o poder naturalmente nem com boa vontade: querem sempre mais para si. Pessimismo não é o mesmo que fatalismo. Mesmo nos momentos de franco desespero, nunca deixou de se interessar pela sorte do seu país. (GUIMARÃES, 2005, p. 261)

O autor tem convicção de que o escritor conhecia seu público bem como as limitações dos veículos com os quais colaborou, soube como poucos através de sua escrita lidar com o seu público. Ele entendeu as mulheres não em relação ao gênero, mas as restrições impostas a elas pela sociedade, sendo taxado de feminista e percebeu o sexo como instrumento de opressão e poder. Um escritor que percebeu o mundo de falsidades e de mentiras. Guimarães traça essa descrição a partir da coletânea dos 14 ensaios de John Gledson sobre Machado de Assis. “O Machado de Assis descoberto por John Gledson é um homem que construiu sua obra com os pés na terra, no corpo-a-corpo com as questões grandes e pequenas de sua época. (GUIMARÃES, 2007, p.263).

Massaud Moisés (2001, p.09) divide os ficcionistas em dois grupos: “os que oferecem leitura mais para os sentidos que para a inteligência”, como se não fosse preciso muito esforço para

decifrar tal texto, algo que mergulha na ilusão, e “os que constroem os seus edifícios narrativos mais para o deleite da inteligência do que da sensibilidade”, estes, sempre oferecem histórias mais requintadas, pela linguagem, pela estrutura e pela análise de detalhes. Segundo Moisés (2001), Machado de Assis se encaixa no segundo grupo, fazendo com que o espetáculo da vida chegasse a parecer com o que se desenrola nos romances da chamada fase realista da sua ficção.

Mesmo tendo sido esquecido por alguns anos, após sua morte, com o decorrer do tempo, foi sendo reconhecido como bem merecia, pois como assegura Moisés (2001), seu brilho não era falso, era intrínseco, sem par, não vinha dos bancos escolares (pois Machado era autodidata), nem era um dos poucos afortunados que podiam viajar à Europa para estudos, aliás, nunca saiu do Rio de Janeiro. Bastaram-lhe os recursos do meio social carioca da segunda metade do século XIX, com suas francesias (cópias das modas e figurinos culturais da Europa), e bastavam-lhe os livros, que lhe saciavam a sede de conhecimento, a percepção do que lhe rodeava, uma rica imaginação de equilíbrio clássico, que se fundaria na razão e na sabedoria de vida, para nascer sua literatura.

Moisés (2001, p.12) ressalta a obra machadiana ao dizer: “se o vulto de um escritor se medisse pelo número de volumes publicados em vida, de certo o lugar do autor de *Dom Casmurro*, seria o culpado por um contemporâneo seu, cuja obra ultrapassa os 120 volumes: Coelho Neto”. Porém, o autor afirma que não é a questão de quantidade e sim de qualidade, que diferencia Machado de Assis dos demais escritores. Assim como, a diversidade de seus escritos que vão desde os clássicos e canônicos romances, passando pelo teatro, contos, poesias, crônicas, críticas teatrais e literárias. Ao compará-lo com Voltaire, Poe, Maupassant, Tchekov entre outros, o autor ressalta a grandiosidade com que Machado escrevia:

Mas a vista míope, que era de Machado, não lhe reduziu o alcance da observação e da fantasia. Antes pelo contrário: a capacidade, que era sua, de ver tudo ao microscópio lhe permitia enxergar com nitidez as sutilezas de um banal acontecimento diário. E também o impelia a sondar mais pausadamente o mundo doméstico, as artimanhas de um conquistador, a malícia de uma mulher dissimulada, as trocas de interesse, as dúvidas de um viúvo atormentado ou de uma jovem casadoira ante dois gêmeos, a nostalgia e o amor maduro, enfim o quadro amplo da sociedade contemporânea. Somente o romance lhe poderia oferecer espaço e tempo para construir painéis em vez de retratos e cenas de uma única célula dramática. E a ele se entregou com não menos afinco, ao mesmo tempo que praticava outras formas de intervenção literária (MOISES, 2001, p.15).

Moisés (2001) coloca-o em um estágio mais avançado da arte, que ele chama “realismo interior”, onde as palavras não são necessárias, usa-se uma linguagem simbólica, anterior à criação da lógica. O autor ressalta: “Machado parece dizer-nos, como sempre, que um mistério subjaz aos gestos em sociedade e no interior das pessoas, movidos não raro pela fantasia e pelo irracional”. E afirma: “Machado revela por meio de uma linguagem onírica levada ao extremo, a complexidade do ser humano”, através de suas personagens.

Roberto Schwarz (1990, p.14) enfatiza: “No romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espiritual”. Machado realmente sabia usar muito bem as palavras, enchendo seus romances de mistério e fazendo com que seus leitores procurem “além do texto” possíveis amarras literárias.

Guimarães e Sanchetta (2008) afirmam que as divergências entre os diversos críticos é o modo de traduzir o lugar ocupado por Machado, tanto na literatura como na cultura brasileira, já que nenhum outro autor foi capaz de gerar tantas vertentes interpretativas nem atingiu tal grau de excelência colocando tantos questionamentos para nosso conhecimento do que poderia ser chamada de uma expressão artística originalmente brasileira. Para os autores, o centro da linguagem

de machado é a oralidade do clássico “contador de causos”, unidirecional, onde há uma ligação inseparável entre o espaço natural e o homem. “A oralidade machadiana que dá o recorte da cena, o tom, a sintaxe, o vocabulário, e recobre todos os valores de sua literatura, é duplamente dialógica”. (GUIMARÃES E SANCHETA, 2008, p.243). Machado, segundo os autores, é um mestre do diálogo, com ouvido aguçado para as conversas do cotidiano de onde ele extrai todas as entonações de suas construções textuais. Machado sempre se dirige a alguém, e depende de um ouvinte para o qual ele fala e com este negocia sentidos. A diferença em sua oralidade se transforma da própria alma de arte literária.

A oralidade machadiana, mergulha nas formas do diálogo, não paternaliza o leitor; torna o narrador, ele mesmo, um leitor entre leitores. Daí o sabor vivo, extremamente funcional, de seus recursos de costura da fábula, que, mesmo falando de um Rio de Janeiro que praticamente não existe mais, continua a ressoar hoje com a intimidade abstrata da cidade, uma geometria de nomes que falam por si só ao seu semelhante. (GUIMARÃES E SANCHETTA, 2008, p.249)

Pedro Henrique Couto Torres (2015) ressalta que a filosofia é uma fonte decisiva na literatura machadiana, o pessimismo seria, segundo o autor, a síntese das influências gerais de Machado, assim como a atitude cética e a tragicidade pascaliana. E enfatiza, citando a obra *A filosofia na obra de Machado de Assis*, de Miguel Reale: “Todos os autores... mesmo quando não concluem pela aceitação de uma ‘filosofia machadiana’, convergem num ponto essencial, que é o reconhecimento da densidade filosófica de sua obra, essencial à compreensão do escritor” (TORRES, 2015, p.40). Para Torres (2015) a filosofia em Machado acaba sendo fruto do romance que é um gênero metamórfico cheio de discursos alheios para, assim, adquirir estabilidade. Logo, “*filosofia e romance seriam representações da*

modernidade, da autoconsciência, da individuação e do eu que trilha para a revelação lógica da realidade” (grifo do autor).

O autor destaca, ainda, um ensaio sobre os temas, ou centros de Machado, realizado por Antônio Candido, em que descreve várias pontos de importância da obra machadiana: *Identidade*, a busca por se conhecer e conhecer os outros; *fato real e fato imaginário*, o jogo de ambiguidades que constroem as tramas (como em Dom Casmurro), onde os contrários se encontram e se dissolvem o tempo todo; *ato e ação*, a velha dúvida de que tudo na vida é uma reação em cadeia; *perfeição versus impotência sexual*; *a relatividade da verdade*, ou seja, o que é certo ou errado; *sadismo e refeição*, o homem transformado em objeto e explica o centro das obras de Machado:

O centro se mostra e se esconde, simultaneamente. É um local a ser acessado ou simplesmente existe para ser sempre ignorado. O centro é a ilusão de que as margens não importam. No caso machadiano, o centro poderia ser entendido como uma obsessão de um tema (ora eleito pela crítica, ora pelo próprio narrador literário): a ideia fixa na cabeça. Seria possível um centro dentro de outro centro: psiquismo – o mundo íntimo mede, pela opinião, o mundo exterior. (TORRES, 2015, p.42).

São vários pensamentos, várias falas, várias ideias e diferentes amores existentes quando o assunto é Machado de Assis. Isso apenas comprova o quão diferenciado ele foi, o quanto soube mexer com os sentimentos mais diversos de seus críticos e leitores. Mas não contrário a sua obra, o nosso Casmurro da literatura, tem o dom de se manter vivo na memória e nas bibliotecas de todos os lugares do mundo por mais de um século. Isso é realmente extraordinário para um autor, que sequer teve estudo “superior” e ainda assim, se sobressaiu a tantos letrados das mais diversificadas culturas ocidentais.

O imortal

De escrita calma, pensada e muito bem trabalhada, Machado de Assis parece escolher cada vírgula que coloca em seu texto com precisão e sabedoria. Conhecedor da bela escrita, de português afiado e uma ironia disfarçada de mistério, ninguém soube como ele, colocar no papel de maneira simétrica e singular as palavras de forma que parecessem conversar entre si.

Ao ler um texto machadiano há um despertar de curiosidade em cada personagem descrito, ainda que não pareça causar muito interesse de imediato, todos os nomes citados em cada história acabam por ganhar vida própria, como se cada um dos envolvidos naquela única história sássem de livros diferentes, para unir suas vidas em um jogo perfeito de amarras. Passamos a fazer parte daquele momento, daquele mundo fictício, como se pudéssemos sentir cada emoção, cada sopro de vida de personagens irreais que povoam nosso mundo de uma maneira tão real, que é quase como se nos deparássemos com um Bento Santiago, ou Capitu, ao abirmos a porta de nossa casa.

Quem em sã consciência criaria com tamanha perfeição cada um de seus amigos (ou inimigos) imaginários, se não Machado de Assis? Ele, que não precisou nem cursar uma excelente faculdade para torna-se um dos mais notáveis componentes da Academia Brasileira de Letras. Ele que não precisou de mais nada a não ser as letras, juntando uma a uma com a mais bela harmonia, linha após linha, palavra após palavra, Machado ousou como ninguém escrever histórias, e escrever sua história, para que nenhum tempo, nenhuma outra tentativa literária pudesse se sobrepor ao seu talento nato, que talvez nem ele mesmo imaginasse ter.

Feliz aquele que abriu um livro de Machado e descansou seus olhos sobre tão elaborada escrita e pode voltar no tempo de um Rio de Janeiro do século XIX, ou ainda, avançar anos além do

momento de sua escrita, ao se deslumbrar com as aventuras de suas meninas muito à frente de seu tempo. Machado foi único, como só ele soube ser, e não há nada que digam que o faça perder a teimosia de permanecer a maior referência “sempre viva” da boa literatura brasileira.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Machado de Assis - **Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>>. Acesso: 21.08.2017.

BARRETO FILHO. **Introdução a Machado de Assis**. Livraria e Editora Agir. Rio de Janeiro, 1947.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis - O enigma do Olhar**. Editora Ática, São Paulo-SP, 2000.

BOSI, Alfredo et al. Participação especial de Antonio Callado. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. Cleção escritores brasileiros: Antologia e estudos.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Editora Paz e Terra, 1986. Rio de Janeiro-RJ.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas e SANCHETTA, Vladimir (consultores). **CLB – Cadernos de Literatura Brasileira. Machado de Assis**. Instituto Moreira Salles, números 23 e 24/julho de 2008. Disponível em: <https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_machado_de_assis_-_geral>. Acesso: 10.06.2017

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **O Machado terra-a-terra de John Gledson**. Novos Estudos – CEBRAP, n.77, São Paulo, março 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100015&script=sci_arttext. Acesso: 20.07.2017

LINS, Álvaro. Machado de Assis, **Exercício Literário**. Machado de Assis em Linha, São Paulo, v.9, n.18, p.03-08, agosto de 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/mael/v9n18/1983-6821-mael-9-18-0003.pdf>>. Acesso:17.07.2017

MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis: Ficção e Utopia**. 2001. Editora Pensamento-Cutrix Ltda. São Paulo-SP.

MONTELLO, Josué. **Memórias Póstumas de Machado de Assis**. 2ª Edição. Nova Fronteira, 1997. Rio de Janeiro-RJ

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SANTOS, Juliana. **Ficção e Crítica de Lucia Miguel Pereira: a literatura como formação**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre-RS, 2012. Disponível em:< <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54098/000851137.pdf?sequence=1>> Acesso: 26.07.2017.

TORRES, Pedro Henrique Couto. **Apontamentos sobre Machado de Assis**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2015. Disponível em:< http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17941/1/2015_PedroHenriqueCoutoTorres.pdf>. Acesso: 20.07.2017

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) à Machado de Assis (1908)**. 4ª Ed. Brasília, UNB, 1993.

Submissão; janeiro de 2018

Aceite: abril de 2018.